



Turismo cultural: a realidade da Pinacoteca do Estado de São Paulo / Brasil

Mila Milene Chiovatto

Introdução

Um dos principais autores da década de 1920 do modernismo brasileiro cunhou o termo “turista aprendiz” com o qual intitulou uma série de reportagens derivadas de viagens exploratórias realizadas naquela época nos mais distintos recantos do Brasil. Segundo Mário de Andrade, o turista aprendiz é aquele que realiza um turismo atento, que extrapola a jornada oficial, optando pelo aprendizado a partir da vivência do diferente; realizando em última instância um turismo cultural.

De fato, o interesse cultural se insere no âmago do desejo que motiva o turista, incentivando-o a desbravar, conhecer e fruir outras culturas.

Nesta dimensão, visitar um museu num país estrangeiro se constitui em ferramenta de exploração, uma vez que uma das funções do museu é o de resguardar aspectos das culturas que representam. Porém, este fenômeno deve ser observado em contexto, ou seja, não se pode considerar (sem nenhuma ressalva) todo museu como foco de atração em si; esse tipo de atração depende de causas externas ao museu, tais como sua localização, tipologia e qual o papel



que representa em relação aos fluxos turísticos internacionais, nacionais e regionais de seu país.

Sem dúvida, grandes museus em cidades tradicionalmente turísticas, como o Louvre em Paris ou o Prado em Madri, são – por si só - pólos de atração turística. Entretanto, em outros contextos os museus podem ou não assumir esse papel.

Lembremos que ao turista médio (não especialista em arte) a visita a um museu de arte se constitui em uma das muitas atividades que, em somatória, criarão a sensação do conhecimento de determinado lugar. Neste sentido é fundamental atentar, ainda, para a adequação entre tempo de visita ao museu (como parte de um itinerário maior) e tempo de fruição da arte.

Turismo e museus no Brasil

O turismo internacional tem, no caso do Brasil, predileção pela natureza exuberante do país, buscando freqüentemente localidades praianas.

Assim, em relação ao turismo internacional é possível perceber as condições do turismo cultural no Brasil por meio de três exemplos clássicos: um museu localizado numa região praiana, por exemplo, tende a apresentar-se como reverso do desfrute da praia, sendo mais visitado no contra-fluxo do sol, ou seja, quando chove ou no período da tarde, quando o sol começa a arrefecer. Segundo pesquisa de consumo cultural do Datafolha, realizada entre 2007 e 2008, a visita a museus pela população residente nas cidades é maior em São Paulo (26%) do que no Rio de Janeiro (14%); a qual prefere freqüentar divertimentos



noturnos como teatros, shows e cinemas (81%), embora não especificamente voltada ao turismo, esses índices de frequência exemplificam essa situação.

O segundo exemplo são os museus localizados nas chamadas “cidades históricas”, que se constituem em elementos prioritários de atratividade, em visita obrigatória nos roteiros turísticos propostos, quer por guias impressos, quer por pacotes turísticos propostos por agências, ou mesmo pelo turismo autônomo; esse é o caso da cidade histórica de Ouro Preto, considerada Patrimônio da Humanidade pela Unesco, e de seus museus de arte sacra ou mesmo mineralogia (Sonia Guarita).

O terceiro exemplo trata dos museus localizados em regiões não eminentemente históricas, ou ricas em natureza exuberante.

Esse é o caso da Pinacoteca do Estado de São Paulo, um museu inquestionavelmente significativo como representação da arte paulista e brasileira do século XVIII até os dias atuais. Localizado na cidade de São Paulo, capital do Estado de São Paulo, região de destaque por sua produção econômica e industrial, a cidade é atualmente considerada a terceira maior do mundo.

Por seu perfil eminentemente produtivo, a cidade de São Paulo não apresenta, *a priori*, atratividade para o turismo cultural, mas sim para o turismo econômico, sendo freqüentes as viagens curtas, realizadas durante a semana, permeadas de reuniões e convenções de negócios prolongadas nos almoços e jantares que pouco deixam de tempo ao visitante para o desfrute da cultura da cidade. Esse público, portanto, necessita ser estimulado a ultrapassar os limites do tempo dos encontros de negócios a fim de visitar os equipamentos culturais da cidade e usufruir a cultura local.



Além disso, a Pinacoteca localiza-se a cerca de 400 metros do maior pólo produtor de tecelagem e moda *pret a porter* da América Latina, no bairro do Bom Retiro, região tradicionalmente freqüentada pelo turismo regional que é atraído para compras destinadas à revenda.

Por esse cenário, a presença de turistas na Pinacoteca segue duas vertentes bastante distintas: é possível perceber a presença de turistas estrangeiros, porém em quantidade reduzida em relação à visitação total do museu. Dentre esses, é notável a alteração da visitação de turistas estrangeiros, sobretudo de especialistas, quando mobilizados por eventos artísticos externos, como a Bienal de São Paulo, por exemplo.

Entretanto, é possível perceber uma grande demanda de turistas brasileiros e vindos especificamente do interior do estado, ou seja, turistas regionais que visitam a cidade para conhecer “a locomotiva do Brasil” e buscam conhecer seus atrativos culturais; ou seja, o interesse em conhecer a cultura de São Paulo parece ser um fator de atração maior para um público interno que tem na cidade uma referência histórica de desenvolvimento econômico e capital financeira do país.

Neste panorama a Pinacoteca do Estado se destaca como espaço referencial de cultura paulista e brasileira, contando em seu acervo com obras emblemáticas da construção do imaginário da identidade nacional.



Ações Educativas

Desde que estruturamos as ações educativas da Pinacoteca, a partir de 2002, notamos que parte dos turistas regionais que freqüentam o museu é formada de **professores do interior do estado**.

Esse fato, que a princípio pode parecer curioso, se justifica pelo fato de que, muitas vezes, em suas cidades de origem não possuem equipamentos culturais como museus ou centros culturais, contando apenas com a praça central ou a igreja matriz como marcos físicos da cultura local.

Assim, as ações educativas que apresentaremos partiram de duas premissas: constituir-se em experiências de formação, voltadas à preparação dos professores para a fruição da arte e utilização pedagógica de conteúdos da educação patrimonial, da Arte e da Cultura.

Outra premissa é a que a própria idéia de viagem já traz em si a idéia de formação – como nos romances de formação do século XIX – ou seja, toda viagem traz o estopim e as condições para processos de transformação, aprendizagem e aperfeiçoamento do viajante.

Acreditando que o professorado busca, ao sair de suas cidades, formar-se como educador, mas também como sujeito, desenvolvemos ações educativas que pretendem ser experiências significativas, que funcionem como caminho de descoberta e processo de transformação.

Segundo Jorge Larrosa, em seu livro *Pedagogia Profana*¹, “*Experiência é, justamente, o que se passa numa viagem, o que acontece numa viagem. E a*

¹ - LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana. Danças, piruetas e mascaradas*. Belo Horizonte: Editora Autência, 2004 (4ª. Edição).



experiência formativa seria, então, o que acontece numa viagem que tem a suficiente força como que para alguém se volte para si mesmo, para que a viagem seja uma viagem interior.”

Assim, ao sair de sua cidade, viajar até a cidade de São Paulo e ali visitar um museu, experimentando novos encontros com o objeto estético, mediados por agentes capazes de estimular a consciência do processo de encontro, o professor pode usufruir uma viagem que seja formativa e transformadora.

Visitas educativas para professores:

Esta ação se inicia por um contato telefônico, no qual são esclarecidas as condições da visita (tempo de duração, horários, quantidades, sistemas etc.) ao mesmo tempo em que se questiona o perfil do grupo como subsídio para o melhor aproveitamento da visita (se são professores de arte, que nível de ensino atuam, se lecionam em escola privada ou pública etc.).

Estes grupos, muitas vezes estimulados pelas Secretarias de Educação municipais, aproveitam os sábados ou domingos como tempo de formação e locam transporte, programando-se para passar o dia na Pinacoteca. Em virtude de suas necessidades, é comum que congreguem sua visita ao museu com visitas a outras instituições próximas como o Museu da Língua Portuguesa (localizado bem em frente à Pinacoteca) ou ao museu de Arte Sacra (localizado à cerca de 200 mts.); ou até mesmo outros museus da cidade.

Normalmente, ao atendermos estes grupos sugerimos visitas à exposição de longa duração de obras de nosso acervo, mediada por educadores preparados para este fim. As obras a serem abordadas na visita são selecionadas em



conjunto pelo educador do museu e pelo grupo de professores, que muitas vezes necessitam de uma introdução acerca da própria instituição, como seu histórico e processos de formação do acervo.

Segundo observamos, a busca por artistas e obras icônicas da coleção é recorrente, preferência que pode se justificar pela difusão dessas imagens na mídia, ou ainda, pelos materiais de apoio à prática pedagógica que a Pinacoteca tem editado e distribuído nos últimos anos. Por esses motivos, muitas vezes, embora o professor já tenha desenvolvido algum projeto ou pesquisa acerca destes artistas e obras, não teve a oportunidade de conhecer a obra original. Dentre essas preferências estão o pintor José Ferraz de Almeida Junior, de fins do século XIX, e sua obra emblemática “Caipira picando fumo” e Tarsila do Amaral, famosa artista modernista brasileira, com sua também emblemática obra “São Paulo”, entre outros.

Quando solicitado, ou quando percebemos o perfil adequado do grupo, realizamos ainda uma demonstração dos “bastidores” da ação educativa não-formal em artes como tratada no museu. De maneira que damos a conhecer ao professor as estratégias que utilizamos para os processos de leitura de imagem – uma das grandes dificuldades de formação do professorado em geral – e alguns dos recursos que desenvolvemos para a realização de atividades que nomeamos de propostas poéticas e que visam garantir a consciência e concretude do processo intelectual desenvolvido durante a leitura de imagens de obras. Sempre que possível, realizamos atividades de propostas poéticas com os grupos de professores, colocando-os no papel de seus alunos, demonstrando a relevância dos aspectos vivenciais para a plenitude da fruição estética.

É preciso, ainda, ressaltar que se faz necessário modelar esse tipo de visita considerando o aproveitamento máximo do tempo em virtude do



deslocamento do grupo (que muitas vezes passou a noite no ônibus em viagem), pois muitas vezes essa se apresenta como uma oportunidade única de estar em um museu.

Essa visita diferenciada possibilita aos professores vislumbrar e aprofundar seu conhecimento acerca dos potenciais pedagógicos de uma visita a um museu de arte, ao mesmo tempo em que constrói oportunidades de adensar o conhecimento e fruição da arte.

Ao avaliar essas visitas recebemos comentários como:

“Sou do interior onde não temos essas oportunidades (...) A visita, primeira que fiz, me encantou e contribuiu imensamente para minha vida pessoal, pois foi uma experiência ímpar. Ainda estou encantada e isso reflete positivamente no meu trabalho. A proximidade com a arte nos transforma, nos faz seres melhores.”

Coordenadora de educação infantil – Penápolis

“Esta [visita] foi monitorada e aprendi muito pois passei a ver as obras com outro olhar. Aprendemos que não basta olhar e achar bonito ou feio, mas analisar (...) a cultura da época, e pudemos perceber que há uma história envolvida em cada uma das obras. Isso contribui muito para a nossa prática, principalmente com a educação infantil, onde ainda não estão alfabetizados e usam a linguagem do desenho para se comunicar.”

Professora Educação infantil – Araçariçuama



“Uma visita à Pinacoteca muda muito a relação com os alunos em sala de aula, desperta mais interesse em arte e de uma forma geral, fortalece o conteúdo dado.

Professora Ensino fundamental II e Médio - Paulínia

Encontros para professores

Para compreender essa ação, é necessário esclarecer que a graduação em artes de faculdades paulistas dura, em média, 4 anos e ainda são raras as pós-graduações na área. Essa realidade está associada à condição de trabalho do professor que, no estado, também é bastante precária. Nesse panorama, parece haver um desinteresse acerca da formação contínua para professores em temas de arte e cultura por parte da educação formal, transferindo essa responsabilidade aos museus.

Os Encontros com Professores não são ações exclusivas para professores residentes no interior paulista, porém nas últimas edições, o número de professores com esse perfil têm crescido substancialmente, fazendo-nos limitar a participação de professores do interior a grupos de até 10 profissionais por cidade, a fim de possibilitar maior variedade do grupo, mesclando professores da capital e do interior, pois acreditamos que essa variedade enriquece as discussões.

De caráter mais formal que as visitas educativas, os encontros para professores são elaborados tendo em vista a disponibilidade de tempo dos grupos, organizando-se para suprir interesses específicos deste público. Desta forma, os encontros têm cerca de 3h30 de duração e são propostos para apresentar aos professores conteúdos de **exposições temporárias** em cartaz na Pinacoteca, bem como seus potenciais pedagógicos.



As exposições temporárias ficam em exibição na Pinacoteca por cerca de 2 meses e assim, realizamos até 5 diferentes encontros para professores no decorrer de cada ano. Esse fluxo propicia uma recorrência de professores interessados – alguns já considerados *habitués* de nossos cursos, - que em conjunto acabam por funcionar como processo de formação contínua.

Em razão da abrangência dos temas tratados nas exposições temporárias, o âmbito de conteúdos de formação se alarga abrangendo, por exemplo, conteúdos da pintura acadêmica francesa, como no caso das exposições *Imagens do soberano* – da coleção do palácio de Versalhes e da exposição *Nicolas-Antoine Taunay – um olhar sobre os trópicos* ou conteúdos sobre as especificidades da cultura oriental, no caso da exposição *O florescer das cores A arte do período EDO* – sobre a cultura do Japão, e em comemoração aos 100 anos de imigração japonesa ao Brasil.

A divulgação dos encontros é feita por e-mail, a partir de mailing especializado, construído pelos endereços eletrônicos captados de encontros anteriores e na inclusão de e-mails de professores interessados. Porém é notável a força da divulgação boca-a-boca, a partir da qual é possível perceber também o índice de qualidade das ações oferecidas.

Os encontros ocorrem aos finais de semana, para potencializar a presença de professores da capital que durante a semana estão em sala de aula, e ao mesmo tempo oportunizar a vinda de professores do interior do estado. Cada Encontro atende até 50 professores (que no Brasil corresponde ao tamanho de uma sala de aula padrão) e costumamos realizar até 4 edições do Encontro para cada exposição, preparando até 200 professores.

Ao chegarem os professores assinam uma lista de presença e recebem seus kits de material (no qual incluímos, Materiais de apoio à prática pedagógica,



elaborados para a exposição em questão; papel para notas, cópias do roteiro da aula e seu certificado de participação).

Na primeira metade do Encontro, os participantes recebem informações teóricas e contextuais sobre a exposição e algumas obras, além de realizarem exercícios de leitura de imagem e discussão dirigida a partir de temas propostos, possibilitando troca de experiências entre os participantes.

Após um intervalo em que é servido um café (como forma de estimular os contatos entre os profissionais); os participantes visitam a exposição acompanhados de educadores do museu, além disso realizam na exposição atividades exploratórias em grupo. O encontro é finalizado com o grupo novamente no auditório, momento em que apresentam os resultados de suas atividades e realiza-se uma súmula dos processos vivenciados.

Sobre os encontros os professores comentam:

“Contribuiu muito para enriquecer o conhecimento cultural e fica mais fácil para falarmos de algo que vimos. Unimos agora a teoria com a prática e fica mais fácil.”

Professora Ed. Infantil - Penápolis

“Para quem mora no interior, estar em contato com a Pinacoteca e com as exposições que encontramos em SP, é renovador, instigador, nos conecta com o mundo, com a arte de ontem e de hoje, com o nosso futuro.”

Professor ensino fundamental – Caçapava



“Os encontros na Pinacoteca nos possibilitam a troca com os outros professores, o que é de extrema importância porque faz nossas idéias fervilharem com as informações e nos dá incentivo para querer fazer cada vez mais”.

Professor ensino fundamental – Tatuí

Materiais de apoio à Prática Pedagógica

Como forma de complementar as ações para professores que desenvolvemos; incentivar a utilização de imagens da arte como recursos pedagógicos em sala de aula e, ao mesmo tempo, possibilitar aos professores o desdobramento de processos educativos em arte, por meio de materiais qualificados, já produzimos cerca de 8 materiais de apoio à prática pedagógica com obras de nosso acervo; além de outros 4 voltados à exposições temporárias de artistas ou épocas de referência para o conhecimento da arte (*Henry Moore; período EDO da cultura japonesa; Tarsila do Amaral; Nicolas-Antoine Taunay*).

Também garantimos que alguns de nossos materiais sobre obras do acervo fossem distribuídos a todas as 6.000 escolas da rede estadual de ensino, inclusive as do interior do estado.

“São ótimos e nos permitem um trabalho baseado em fatos e imagens ao alcance dos nossos olhos. Seria importante termos mais imagens.”

Ed. Infantil – Tatuí



“É um material riquíssimo e, se for bem utilizado, certamente resultará na boa educação cultural dos nossos professores e alunos.”

Coor. Ed. Infantil - Penápolis

Considerações finais

A título de conclusão, salientamos que as ações educativas realizadas em um museu devem estar de acordo com sua especificidade. As situações de estímulo e resposta a diferentes perfis de público devem equilibrar-se na medida das políticas determinadas pela gestão institucional.

Sabemos da importância do turismo cultural internacional e acreditamos que esse será, para nós, um futuro desafio, entretanto, neste momento, percebida a força do turismo regional, acreditamos em ações educativas capazes de potencializar nossa atuação como pólo de atração para o Estado.

Continuando nessa direção, para este ano temos programado início de um processo de longa duração (1 ano e meio) de formação de professores e avaliação de impacto, ou seja, buscando aferir a transformação da prática pedagógica de professores de arte da cidade de São Bernardo do Campo, cidade vizinha à capital. Talvez essa experiência possa servir como modelo para futuras ações educativas no interior do Estado.

Acreditamos que as ações que desenvolvemos junto à esses professores partem da demanda de um turismo de formação, em que os professores que optam pelo turismo regional buscam, conhecer a cultura e conhecer-se. Em suas próprias palavras:



“Viajo para São Paulo para adquirir conhecimentos sobre arte, para meu crescimento pessoal, cultural e profissional.”

Dessa forma, concordamos com Larrosa, que uma experiência qualificada de viagem até o museu faz com que *“...a viagem exterior se enlaça com a viagem interior, com a própria formação da consciência, da sensibilidade e do caráter do viajante. A experiência formativa, em suma, está pensada a partir das formas da sensibilidade e construída como uma experiência estética.”*